

LINGUAGEM, IDEOLOGIA E PODER

o desvelamento das marcas culturais no filme Náufrago

Sueli Aparecida da Costa*

Antonio Donizeti da Cruz**

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as marcas culturais e ideológicas que se manifestam por meio dos signos e das formas simbólicas, mostrando como linguagem, ideologia e poder aparecem relacionadas no filme Náufrago.

Palavras-chave: Linguagem, ideologia, poder

Language, ideology and power: the revelation of the cultural marks in the film Cast away

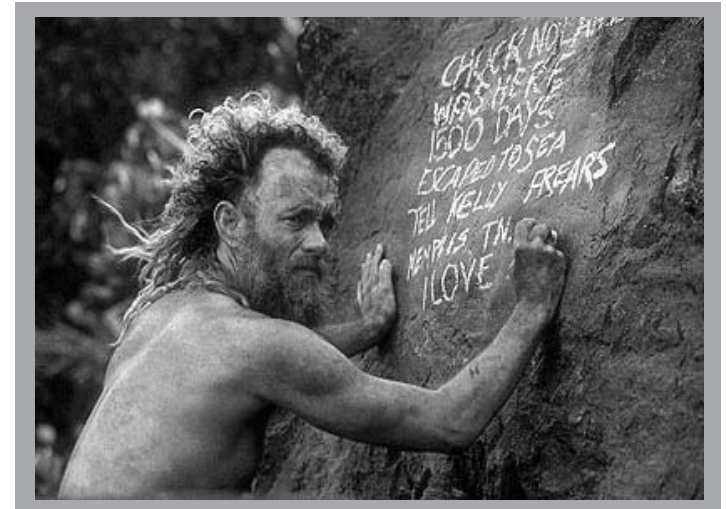
Abstract: This article has the objective of analyzing the cultural and ideological marks that it is shown through the signs and symbolical forms, showing how language, ideology and power appear related in the film Cast Away.

Keywords: Language, ideology, power

Para Bakhtin, o domínio da ideologia coincide com o domínio dos signos, uma vez que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, ela é o modo mais puro e sensível de relação social¹. Só existe consciência na medida em que esta se concretiza através de algum tipo material semiótico, seja sob a forma de discurso interior², texto escrito ou oral, seja no processo de interação verbal. A palavra circunda todas as relações de vida social e registra todas as transformações deste processo. O que Bakhtin chama de palavra deve ser entendido como a linguagem, em seu sentido mais amplo, e deve ser colocada em primeiro plano no estudo das ideologias, pois é na palavra que melhor se revelam as formas ideológicas da comunicação social e da interação social de seus produtores.

Se a consciência individual é lingüística e regida por leis sociológicas, a consciência só pode existir sob uma forma semiótica material, o que faz da consciência um fato objetivo e, ao mesmo tempo, uma força social. Mas como determinar a forma material da consciência? Para Bakhtin, a palavra acompanha e comenta toda criação ideológica, independente de ser discurso interior, imagem, texto, gesto, música, pintura, etc. De qualquer maneira o signo permeia as relações sociais e em todas as situações é sempre o aspecto exterior e contextual que determinam o discurso. Fora de sua objetivação ou materialização a consciência não existe. Enquanto expressão material, ela é fruto de relações interindividuais, e como tal, é pensada e organizada em função do interlocutor. No dizer de Bakhtin, todo signo ideológico exterior provém dos signos interiores: Ele nasce deste oceano de signos interiores e aí continua a viver³.

Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem possui um caráter eminentemente social, tendo como conceito norteador o dialogismo: princípio constitutivo da linguagem e a condição para o sentido do discurso, já que toda enunciação é sempre marcada pela interação verbal e social. A expressão nunca é isolada, ela supõe e pressupõe um interlocutor inserido historicamente numa dada situação social e comunicativa. Quando se observa a língua do ponto de vista interacionista e dialógico, é possível analisar, para além do signo, a cultura e os valores ideológicos que se encontram camuflados ou explícitos no discurso dos sujeitos da enunciação. É neste sentido que Bakhtin afirma que o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes⁴.



E, ao considerar o signo como uma arena onde se desenvolve a luta de classes ou que sem signos não há ideologia, Bakhtin aponta para uma teoria semiótica da ideologia, vista como um fenômeno discursivo que se manifesta através de sua materialidade semiótica. Assim, no terreno da palavra, da linguagem, do discurso e dos signos em geral, é que melhor se percebe as manifestações ideológicas: signo e ideologia são dois lados de um único fenômeno que ocorre no interior do intercâmbio social, pois é neste campo da relação social que se encontra as formas concretas das vertentes ideológicas que circulam no espaço da sociedade.

É impossível não reconhecer a validade e importância do conceito de ideologia, proposto por Bakhtin. Mas, há de se reconhecer, também, que este é mais um dentre os muitos conceitos que configuram o cenário teórico-social sobre a ideologia. No intuito de alargar a compreensão de ideologia, sobretudo no território da cultura moderna, recorre-se a Thompson, num estudo das formas simbólicas e da ideologia em um mundo perpassado pelos sinais simbólicos e pela penetração dos meios de comunicação de massa.

A proposta de Thompson é repensar a teoria da ideologia à luz do desenvolvimento dos meios de comunicação. Seu interesse em estudar a ideologia encontra-se numa investigação das relações entre sentido e poder, mais precisamente, de como o sentido é mobilizado pelas formas simbólicas para estabelecer e sustentar relações de dominação⁵. O autor propõe uma concepção crítica da ideologia, vista como produto da vida social, das ações e interações entre os membros da sociedade e das trocas simbólicas que ocorrem entre eles, ou seja, a ideologia é um construto social, pois é no campo dos contextos sociais específicos que ela é produzida, transmitida ou recebida.



A análise da ideologia, de acordo com a proposta de Thompson, está primeiramente interessada no modo como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder, isto é, como o sentido é movimentado e serve para reforçar as posições de poder ocupadas por determinadas pessoas ou grupos. Neste sentido, sua (re)formulação de ideologia aproxima-se da concepção latente de Marx, segundo a qual a ideologia é entendida enquanto um sistema de representações que servem para sustentar relações de dominação de classes⁶.

Sua identificação com a concepção marxista deve-se ao fato de que, em Marx, o conceito de ideologia conservou seu caráter negativo, sendo vista como sintoma de uma doença, não a característica normal de uma sociedade sadia e muito menos uma medicina para a cura social⁷. Na concepção crítica, a ideologia é um fenômeno caracterizado como enganador, ilusório ou parcial, ao passo que na concepção neutra de ideologia, esses fenômenos são caracterizados sem implicar que eles sejam enganadores, ilusórios ou ligados a um grupo particular.

Assim, Thompson apóia-se na concepção latente de Marx pelo fato de que esta considera a ideologia como um sistema de representações que escondem, enganam, e que, ao fazer isso, servem para manter relações de dominação⁸. Entretanto, em sua formulação alternativa do conceito de ideologia, o autor considera apenas um critério de negatividade (o de sustentação das relações de dominação) e descarta o critério das formas errôneas e ilusórias. Isso porque, nem sempre as formas simbólicas precisam ser errôneas ou ilusórias para serem ideológicas, pois não lhe interessa o falso ou verdadeiro das formas simbólicas, mas sim, como essas formas servem para sustentar ou estabelecer relações de poder e dominação⁹.

De acordo com Thompson, as formas simbólicas correspondem a fenômenos culturais (ações, gestos, rituais, manifestações verbais, programas de televisão, obras de arte, filmes, músicas), ou seja, fenômenos significativos. A análise da ideologia interfere nas maneiras pelas quais as formas simbólicas se entrecruzam nas relações de poder e dominação, e, neste sentido, não só a linguagem, mas como todas as outras manifestações das formas simbólicas no meio interindividual, ajudam a explicar o fenômeno da ideologia. As formas simbólicas são o veículo da ideologia e, através delas, a dominação e o poder instauram-se no meio social, privilegiando grupos ou indivíduos em detrimento de outros. A dominação ocorre quando grupos particulares possuem determinado poder que não é acessível a outros grupos, valendo-se desse poder para dominar, sustentar, produzir ou transmitir uma determinada ideologia.

Na sociedade moderna, os meios eletrônicos possibilitaram uma maior abrangência da circulação das formas simbólicas e, com isso, alcançaram um número significativo de audiência, tornando as mensagens por eles veiculadas de fácil acesso e recepção. Isso só comprova que a mídia ocupa um papel central de mecanismo de reprodução social e, justamente por isso, deve ser estudada mais cuidadosamente, sobretudo, no que concerne aos contextos e processos em que as mensagens são produzidas pelas instituições da mídia e recebidas pelos indivíduos em sua vida cotidiana. O que Thompson propõe mostrar é como o fenômeno da ideologia ganha um novo sentido e complexidade quando passa a ser visto como parte da circulação das formas simbólicas viabilizadas pela mediação da cultura moderna.

Sem dúvida, a comunicação de massa representa um dos principais fatores de transmissão da ideologia nas sociedades modernas, porém, não é o único meio. A ideologia pode ser percebida em diversos contextos, e, o espaço da interação dialógica não pode ser descartado desta análise ideológica, sob pena de se tornar restrita, ou, no mínimo, prematura. A observação integrada destes aspectos ajuda na compreensão da ideologia, não só na sua forma de produção e transmissão via meios de comunicação, mas também, em todas as demais manifestações ideológicas que se encontram no universo de sinais simbólicos da sociedade moderna.

O dialogismo - presente na linguagem humana - é um dos aspectos de maior destaque no filme *Náufrago* (Cast Away), dirigido por Robert Zemeckis e editado por Arthur Schimdt, com a participação dos atores Tom Hanks e Helen Hunt. Tom Hanks vive o papel de Chuck Noland e Helen Hunt, o de Kelli Frears. O enredo gira em torno de

Chuck Noland, encarregado-chefe da companhia FedEx, um homem que vive em função do tempo, sempre tentando vencer o relógio e assegurar a velocidade das entregas em tempo hábil. Seu trabalho vem sempre em primeiro lugar, tanto que na noite de Natal ele precisa tomar o avião para efetuar mais uma entrega, deixando sua noiva, Kelli Frears, logo após a ceia de natal. Porém, devido a uma pane no sistema e em meio a uma forte tempestade, o avião cai em alto mar. Consegue se salvar, sendo levado pelas ondas a uma ilha deserta, onde fica durante quatro anos. Até que, um dia, resolve construir uma jangada para sair da ilha. Durante a tentativa passa por fortes tempestades e quando já estava quase sem esperanças é encontrado e retorna para casa. Entretanto, ao retornar vê que sua noiva já estava casada e ele precisa, agora, retomar sua vida e recomeçar, descobrindo novos caminhos.

O efeito de sentido do filme assemelha-se aos romances de formação, nos quais as personagens passam por um processo educativo, transformando seu pensamento e modo de agir. Também parece propor, ao telespectador, uma reavaliação de seu modo de agir e pensar o mundo. Este efeito de formação deve-se ao fato de que o filme se divide em três momentos diferentes e, em cada bloco, a personagem encontra-se em um estágio de pensamento ideológico. No primeiro momento, Chuck Noland é o homem do tempo, é o chefe do departamento da empresa FedEx e, enquanto tal, vale-se desta autoridade para exigir que os funcionários cumpram seus deveres. No segundo momento, ele é Chuck Noland, o homem isolado na ilha, que necessita começar do marco zero sua vida, adaptando-se ao meio e lutando sozinho pela sobrevivência não há tempo nem subalternos. Ele é o náufrago do homem que era antes. E, por fim, com a saída da ilha e a volta ao continente, ele é Chuck Noland, um homem modificado, impotente diante da vida e do seu destino.

Em termos de materialização do signo ideológico, pode-se dizer que o texto cinematográfico explora os aspectos visuais e sonoros, diferentemente do texto verbal. Assim, as cores, a luz, os sons e as imagens são tão importantes quanto a própria fala das personagens. Apesar de mais da metade do filme ser composta pelo monólogo de Chuck, durante o tempo que ficou na ilha, em nenhum momento ele pode ser compreendido enquanto tal, uma vez que, devido à necessidade de comunicar, Chuck elegeu como interlocutor uma bola de vôlei, a qual deu o nome de Wilson.

Wilson não é um objeto inanimado, mas um interlocutor presente, o elemento fundamental para que a comunicação se efetive através da interação verbal. Este processo ocorre numa espécie de desdobramento do eu, em que Chuck é o enunciador e o destinatário ao mesmo tempo. A necessidade desse desdobramento em outro eu deve-se ao fato de que, em princípio, o diálogo necessita de mais de uma pessoa - e isso vale em qualquer situação, pois um texto também pode ser entendido enquanto diálogo a partir do momento que há uma interação entre o autor e o leitor, na medida em que o primeiro escreve em função do segundo. Ele está sozinho, porém a bola constitui seu duplo: Wilson é a possibilidade dele se sentir desdobrado, de se dividir em dois, formular questões e dar respostas. Assim, Chuck e Wilson representam a efetivação do dialogismo da linguagem o diálogo de uma pessoa desdobrada.

Com relação à questão da materialização do signo, pode-se dizer que a ilha, a escuridão, o barulho dos trovões, os relâmpagos, o acidente, a água, os fundos musicais, enfim, tudo é metafórico e possui uma significação que remete para além do próprio signo semiótico. Tais efeitos visuais e sonoros corroboram para a situação de ruptura e mudança pela qual passa a personagem. Tudo que ele redescobre (pesca, fogo, pedra) são etapas da evolução do homem. No entanto, ele já estava em um estágio evoluído e volta a pré-história para recomeçar, repensando sua própria história. O salto que ele faz engloba uma remodelização de sua consciência e da constatação de sua impotência em relação ao tempo e à vida. Ao olhar para esta situação expressa no filme sob o viés bakhtiniano de que tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si (o signo reflete e refrata a realidade), e que sem signo não existe ideologia tudo que é ideológico possui um valor semiótico¹⁰ percebe-se que o filme em sua totalidade é um discurso ideológico e pode ser entendido em termos de ideologia do cotidiano e ideologia constituída.

Os três momentos (terra/ilha/terra), como já foi dito

anteriormente, definem três pensamentos diferentes da personagem. Enquanto chefe dos correios, Chuck valia-se de imperativos para se relacionar com os funcionários. Sua grande meta era vencer o relógio, visto por ele, como o capataz que tenta nos tirar do negócio, embora ele saiba que o tempo impera sobre nós sem piedade e que o relógio não para nunca. A grande ilusão de Chuck era pensar que ele podia ter o controle sobre o tempo. A vida moderna não é diferente da situação vivida pela personagem, pois o tempo é o disciplinador das atividades; vive-se numa luta constante para vencê-lo e conseguir cronometrar todas as atividades de acordo com suas próprias imposições (hora de levantar, almoçar, jantar, trabalhar, estudar, divertir). Tal comportamento é fruto de um sistema que impõe suas regras e das quais o ser humano necessita se adaptar, sob o risco de ser sugado, caso não se enquadre neste sistema econômico-capitalista que, assim como o tempo, é o capataz que tenta nos tirar do negócio.

Nesta perspectiva, é possível dizer que tal pensamento trata-se de uma ideologia constituída, já que, senão todos, a grande maioria das pessoas pensam e vivem assim segundo as leis de um sistema que lhe é imposto pela ideologia dominante. Entretanto, quando Chuck fica na ilha e, portanto, isolado do continente e das ideologias que lá imperam, ele passa por uma espécie de reflexão da sua condição humana. Não só a linguagem metafórica da ilha pode ser entendida como um signo ideológico, que expressa uma ruptura com o pensamento anterior, como também, seu próprio discurso muda, pois enquanto construía a jangada ele dialoga com Wilson, dizendo: E a gente vive e morre pelo relógio, não é? . E até ironiza essa atitude de cárcere em relação ao tempo dizendo ainda: não vamos cometer o pecado de perder o controle do tempo! . Tais signos revelam uma outra concepção de vida, bem diferente da anterior, pois agora, Chuck Noland não possui controle de mais nada, nem sobre a própria vida.

De volta ao continente, percebe que as pessoas mudaram, outras morreram, sua noiva havia se casado com outro homem e ele se viu sem destino certo. Mas, algo dentro de si havia se rompido, sua concepção de vida era outra. Sabia que qualquer que fosse a escolha e o destino que seguisse, este não seria mais igual ao anterior, pois passou por um aprendizado que mudou seu ponto de vista em relação ao mundo. Ao romper com a imposição do relógio (e de tudo que esta metáfora representa no mundo moderno) ele rompe com as cadeias dessa ideologia e com a dominação que ela impõe sobre a vida e o comportamento das pessoas.

Com relação à ideologia do cotidiano e da ideologia constituída, é possível afirmar que a disciplina do relógio vale tanto para o presidente quanto para os funcionários, para o professor e para o aluno, para o explorador e explorado. Assim, a disciplinação é uma ideologia oficial constituída, que se efetiva dentro da ideologia capitalista (tempo é dinheiro). No entanto, ao longo do filme, essa ideologia se rompe, e os valores passam a ser outros para a personagem vivida por Tom Hanks. Não há mais uma hierarquia em relação às outras pessoas e nem a imposição de um sistema que exige um determinado comportamento seus valores, crenças e convicções são outros. Porém, não se pode falar ainda em termos de ideologia constituída, pois é tão somente uma ideologia do cotidiano de nível inferior, uma vez que é ainda circunscrita à personagem. Se, em suas relações interindividuais, Chuck Noland for compartilhando esta visão e outras pessoas forem incorporando tais fatos como verdades, essa ideologia do cotidiano passará para o nível superior, podendo até se transformar em uma ideologia oficialmente constituída.

Em Náufrago, as relações entre linguagem e sociedade ficam bem marcadas, o que, por sua vez, comprova que a consciência não é fruto de uma atividade psíquica individual que vem do interior, mas de fatores puramente externos (histórico e sociais). Na primeira parte do filme, o ambiente de poder em que Chuck vivia formou uma determinada consciência ideológica, já na transição entre a segunda e terceira partes, longe deste auditório, ele passa a refletir outra situação que acaba remodelando sua consciência. Em todos os momentos e em todas as situações, a consciência é adquirida socialmente a partir das relações sociais, ou seja, em uma relação dialeticamente constituída entre o sujeito e a sociedade, pois se só existe sociedade quando os indivíduos têm consciência dela, da mesma forma, a consciência é socialmente determinada no curso da socialização, a consciência é

tanto exteriorizada como interiorizada dialeticamente. Em outras palavras, a linguagem é o veículo de todas as relações sociais, por meio da exteriorização do signo semiótico/verbal o mundo social objetivado é reintroduzido na consciência individual, gerando novas relações e novas ideologias, num processo contínuo e interrupto.

A necessidade de materialização dos signos para se chegar a ideologia torna a linguagem ou discurso um viés das manifestações ideológicas. Mas, no mundo moderno das comunicações de massa, segundo Thompson, estudar a ideologia requer uma análise cultural das formas simbólicas, isto é, das variedades dos fenômenos significativos (ações, gestos, rituais, textos verbais, etc.). Uma análise dos fenômenos culturais implica uma investigação mais acurada dos contextos e processos historicamente específicos em que essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas ou recebidas¹¹. Assim, ao se olhar para as manifestações simbólicas da linguagem, presente na sociedade, eis que surge uma forte ligação entre estas formas simbólicas, a linguagem, a ideologia e o poder. Neste sentido, Thompson compartilha alguma semelhança com Bakhtin, pois é no terreno das formas simbólicas (Thompson) e dos signos (Bakhtin) que se manifestam as relações de dominação e poder.

Se a metáfora do relógio, da ilha e do acidente pode ser entendida, de acordo com Bakhtin, como signos que remetem para além de si mesmo, refletindo e refratando uma realidade, para Thompson, são formas simbólicas ou construtos significativos produzidos com alguma intenção, se referindo a algo e em um contexto sócio-histórico estruturado, pois operam um sentido que pode estar, tanto vinculado ao poder quanto à possibilidade de libertação das formas de dominação. Enquanto o relógio representa, de um modo particular, uma certa opressão que a vida moderna impõe sobre os indivíduos, tendo estes que viver em função de horários determinados, de um modo mais geral, ele representa a própria dominação de um sistema capitalista, que tende a moldar determinados comportamentos e pensamentos. A falta de tempo (até para refletir sua própria falta) corrobora para a normalização desta situação, fazendo com que os indivíduos não percebam que, neste império do tempo e do sistema, a ideologia vai se estabelecendo e sustentando.

É o que acontecia com Chuck, ele não tinha tempo para refletir sua própria situação de vida, era a todo instante sugado pelo sistema do lucro, do tempo é dinheiro, dos negócios e, via tudo como normal e legítimo. Nem sequer percebia que ele era mais um, no vasto mundo do capitalismo, que era tão dominado quanto qualquer um dos demais funcionários, numa corrente ideológica que parece ir, pouco a pouco, obscurecendo os sujeitos, tornando-os anônimos, meros cumpridores de deveres e obrigações.

O acidente e a ilha, por sua vez, representam uma ruptura ideológica, pois funcionam como formas simbólicas que se contrapõem a uma ideologia da dominação camuflada e dissimulada por situações que se passam por normais e corriqueiras na vida moderna. O isolamento na ilha constitui, portanto, uma desvinculação do contexto específico em que estava inserido, e, justamente, por isso, abre espaço para uma avaliação e reflexão, fazendo com que a personagem passe a agir em função de suas próprias convicções, e não mais a partir das que lhe foi imposta.

A análise da ideologia nas sociedades modernas é uma tarefa bastante difícil, uma vez que sua manifestação aparece, as vezes, de forma explícita, e, em outras, de forma tão sutil, que passam quase despercebidas, pois as formas simbólicas são muitas e seu entrecruzamento com as relações de poder ganham um dimensão ainda maior. Diante disso, para estudar a ideologia é preciso estudar, também, as maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, pelos signos ideológicos, pelo discurso e pela linguagem, servem para estabelecer e sustentar relações e o exercício do poder. A linguagem é o terreno sensível pelo qual e no qual é possível rastrear as ideologias dominantes e as relações de poder que trazem em seu bojo. Náufrago é exemplar, pois traz em pauta uma discussão dos meios como a ideologia se sustenta nas relações sociais, e, como ela vai se alastrando entre os sujeitos, sem que os mesmos percebam que a estão vivendo e sendo enredados por ela. Toda a discussão efetuada revela que, independente das condições exteriores e das concepções de mundo, o ser humano é, efetivamente, um ser social. Todas as relações



perpassam a interação social entre os indivíduos. Neste sentido, a interação comunicativa que se estabelece entre as personagens Chuck Noland e Wilson representa e sugere o caráter dialógico da linguagem e do ser humano, comprovando o que Bakhtin já havia dito: o fato de que a linguagem é dialógica. Tanto é assim, que na falta de um interlocutor, o ser humano conversa consigo mesmo, numa espécie de diálogo interior.

A idéia de que não existe representações ideológicas senão materializadas na linguagem, fica evidente no filme pelo próprio discurso da personagem, discurso este que sofre uma transformação radical do início ao fim do filme, uma transformação ideológica. Tal ruptura de visão de mundo apenas reforça o poder coercitivo da linguagem, uma vez que esta não se separa do poder, ou seja, linguagem, ideologia e poder são termos correlatos e indissociáveis. A língua é uma face do poder, da mesma forma que o poder usa a língua para impor sua ideologia.

Segundo Fiorin, existem dois níveis de realidade: um de essência e um de aparência, ou seja, um profundo e um superficial, um não-visível e um fenomênico¹². De acordo com o autor, estes dois níveis servem para mostrar que o capitalismo vale-se de formas de mascaramento da realidade (essência) para naturalizar o processo em termos de aparência. Realmente, entre a aparência e a essência existe todo um código ideológico que naturaliza os processos sociais. Tal código nada mais é do que a própria linguagem.

Nas palavras de Bakhtin, aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser¹³. Neste sentido, constata-se que não há pensamento humano que esteja imune às influências ideologizantes de um dado contexto social. Estas ideologias, por sua vez, servem de armas para interesses sociais específicos de uma classe social.

Transferindo o conceito de aparência e essência para *Náufrago*, verifica-se que, no início do filme, Chuck vivia enredado por uma falsa aparência, uma vez que, somente o nível da aparência se dá a perceber imediatamente para nós. [...] o nível da aparência é a inversão do nível da essência¹⁴. Somente a partir de uma profunda reflexão entre estes dois níveis é que Chuck percebe que, na realidade, a naturalidade que ele achava ter em relação à dependência ao relógio e ao trabalho era uma falsa aparência, porque na essência, ele vivia isolado em seu próprio mundo.

A verdadeira essência do homem é um total descontrole dos processos existenciais. As relações de poder engendram a aparência de controle sobre a situação, criando um distanciamento entre os indivíduos e a sociedade, ao mesmo tempo em que reafirmam a divisão de classes e de poder. Ao dizer que não deveria ter entrado naquele avião, Chuck admite que vivia em uma aparência, uma vez que se julgava auto-suficiente em relação à própria vida, ao trabalho e ao tempo, pois tinha a certeza de que voltaria dentro de algumas horas. No entanto, a essência mostrou justamente o oposto, já que nenhum ser humano é capaz de dominar o curso dos acontecimentos. Sonhar e ter objetivos na vida são possíveis, mas a concretização dos mesmos dependerá de vários fatores, não só dos individuais. A questão do objetivo na vida é inerente ao ser humano; no filme, foi devido a um objetivo (voltar ao continente e efetuar a entrega de uma caixa de encomenda) que Chuck teve forças para enfrentar as dificuldades e continuar vivendo: Este pacote salvou a minha vida. Obrigado. Pode-se dizer que Chuck volta à vida social modificado, pois a

cortina da aparência se abriu revelando-lhe a essência dos fatos.

Esse descortinamento ocorreu devido à passagem da certeza absoluta à incerteza total, metaforizada na encruzilhada que abre e encerra o filme. Ao parar na encruzilhada uma moça lhe pergunta para onde ele está indo, e ele responde: Eu estava justamente decidindo isso. Assim, a encruzilhada representa os vários caminhos e opções que a vida oferece; a escolha por um deles dependerá da história, das crenças, valores e concepção de mundo de cada um. Entretanto, cabe aqui destacar que tais valores ideológicos nunca serão construídos individualmente, mas sim, socialmente. Pela linguagem estas relações se efetivam e, também, pela linguagem, revela-se a cultura de um povo.

Enquanto texto cinematográfico, *Náufrago* é um signo ideológico, uma forma simbólica e trás consigo a veiculação de uma ideologia, ainda que a nível de convite ao telespectador. Para Bakhtin, tudo é ideológico, e não existe ideologia senão em sua manifestação semiótica.

Na cena final do filme, o *náufrago*, parado em uma encruzilhada, após ter sobrevivido ao naufrágio de seus sonhos, percebe-se capaz de continuar vivendo e sonhando, pois a vida ainda tem muito a lhe oferecer. Os caminhos podem ser diversos e a escolha difícil, mas uma coisa é certa: uma vez entendido o sentido da vida, qualquer que seja o caminho, o sonho não vai morrer, pois a esperança o alimentará e dará vida, a maré sempre vem e, com ela, as mudanças acontecem, a esperança se renova. É claramente perceptível que para além do enredo, *Náufrago* serve de discussão em torno do valor dialógico da linguagem, e, sobretudo, para estudo dos signos ideológicos, uma vez há, pelo menos, duas ideologias diferentes circulando no âmbito do discurso da personagem uma que apregoa uma vivência mais racional e objetiva, própria de um sistema capitalista em que o tempo é sinônimo de lucro, e outra mais emocional e subjetiva, em que o tempo é curto, sendo necessário vivê-lo mais intensamente enquanto é possível.

Chuck Noland vive no filme a experiência de passar por estas duas concepções ideológicas. No início do filme vive em um contexto que não lhe permite pensar a idéia de um tempo devorador, que impera sobre os seres sem piedade, ocupando e preenchendo cada horário com atividades e tarefas de uma maneira extremamente rígida. A vida é posta em função de ordens e tarefas que devem ser cumpridas. Se alguém foge desta rotina imposta pelo sistema, se deixa de cumprir suas obrigações profissionais, fugindo à regra da agenda, sofre, conseqüentemente, alguma punição, pois o tempo é, também, sinônimo de controle social. Enquanto os indivíduos são consumidos em suas atividades, não sobra muito tempo para pensar nas relações de poder que vão se formando na própria sociedade e, neste sentido, a metáfora do controle do tempo torna-se um elemento fundamental para disciplinar o indivíduo. Por trás de simples atitudes, tão comuns ao homem moderno, esconde um sistema, que lança seus tentáculos em busca de angariar mais poder e, com isso, mais dominação social. Não se trata apenas de uma dominação de classes, mas de uma dominação mais sutil, que leva o homem a ser *náufrago* de si mesmo.

No final do filme, Chuck Noland vê a vida e o tempo de uma maneira bem diferente. O naufrágio de uma concepção de vida em que a meta principal era vencer o tempo e manter-se sempre o primeiro no mercado pela agilidade e velocidade das entregas, cede lugar a uma visão mais humanística da vida, pois a experiência do isolamento, da queda dos sonhos, do desmoronamento do tempo e dos objetivos o fez refletir sua própria condição humana, fazendo com que se percebesse um ser que tem a possibilidade de escolher caminhos, de viver de forma mais livre, sobretudo, livre do controle disciplinador do tempo.

Notas

* Aluna Bolsista (Demanda Social CAPES) do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras Área de Concentração em Linguagem e Sociedade UNIOESTE, Campus de Cascavel PR. csuelicosta@yahoo.com.br

* Orientador e Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras Área de Concentração em Linguagem e Sociedade UNIOESTE, Campus de Cascavel PR e Professor do Curso de Letras, Campus de Marechal Cândido Rondon PR. donizeti@unioeste.br

1 BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 36.

2 Por discurso interior entenda-se a consciência individual que se formou através da encarnação material em signos: BAKHTIN, *Ibid*, p.33.

3 BAKHTIN, *Ibid*, p. 57.

4 BAKHTIN, *Ibid*, p. 46.

5 THOMPSON, Jonh B. *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 16.

6 THOMPSON, *Ibid*, p. 58.

7 THOMPSON, *Ibid*, p. 62.

8 THOMPSON, *Ibid*, p. 75.

9 THOMPSON, *Ibid*, p. 77.

10 BAKHTIN, *Ibid*, p. 32.

11 THOMPSON, *Ibid*, p. 181.

12 FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2000, p. 26.

13 BAKHTIN, *Ibid*, p. 47.

14 FIORIN, *Ibid*, p. 28.